

Lourenço, Dolores, Hebe, Eudny, <sup>Inaldo</sup> ~~Henrique~~ Hermans, Zuleide, Gled-  
ria Maria, Lilib e Zuleide Aureliano, queridas amigas =

Há quatro meses deixei o Recife. Há quatro  
meses, o Brasil. Não as viáveis de partir - a todas.

A algumas, sim. Não as esqueci em La Paz. Não  
as esqueci em Santiago, onde, graças a Deus, es-  
tou há três meses e há oito dias, com Elza e  
os meninos.

Muita vontade por La Paz, apesar do mal  
estar terrível que a altitude exagerada me  
provocou, me pareceu boa, como uma experiên-  
cia a mais. Experiência que gostaria de ter pro-  
longado e que não me foi possível fazer, sobre-  
tudo, devido à instabilidade institucionaliza-  
da da Bolívia. Em oito dias, assisti a mais  
de 10 horas de tiroteio e à queda do governo.

Tinha muito que estudar lá, mas, mesmo em  
tratado pelo governo de posto e rondado pelo que  
se instalou para permanecer, resolvi vir para  
o Chile, onde daria haver interesse por um tra-  
balho.

Assim, cheguei a Santiago a 23 de novembro e  
comecei a trabalhar a 1 de dezembro, dando  
assessoria pedagógica a um Instituto minister-  
rial. Pagam-me um salário superior ao que ti-  
nho no Brasil - suficiente para viver sem preocu-  
pação com Elza e os meninos. Há muito intere-  
se aqui por um espaço sério de educação cultu-  
ral em centros sendo muito bem recebidos nos  
meios especializados. Dá-se preferência, pelo me-  
nos por um <sup>ou</sup> dois anos, a possibilidades que me  
foi aberta de um trabalho na Arféria. Mesmo  
porque me interessa a por fazer um estudo  
mais profundo quanto possível, da América lati-  
na, somente depois de me gostar de passar  
algum tempo na América e logo depois na Europa.  
Devo, por outro lado, prestar colaboração a outros  
aspectos, privados e públicos, na faixa da educa-

caõ.

A espécie de brasileiro que está a péss e' excelente. De modo geral, fêccicos. Nossos encontros, são permanentes e guase sempre para discussões - em pequenos seminários - de assuntos de cada especialidade. É uma forma de crescermos juntos. Não tenho nada de que me lastimar, a não ser a natural saudade da terra, de sua gente, de seu sol, de seu céu, de sua clima, de seu mar, de seu dia-a-dia. Saudade dos amigos que deixei, e entre eles, vovês. Saudade, sobretudo, daqueles que já não verei no mundo, a não ser em seus conselhos, como Roberto, a quem sempre admi- rei e respeit. Saudade de nossa escola. De mi- nhas aulas das 7. Das reuniões do Conselho à noite, com a leitura das atas - com Louros dizer do "mais um assunto." Saudade de Tuda e de to- dos. Saudade dos povos do Santa Cruz. Das friadas dos torcedores. Saudade das manhãs de domingo de minha missa das seis. Saudade das tardes dos estudos da responsabilidade das tardes. Do sol de pondo. Saudade da peira de casa amarela. Do ho- mem gritando "dore de banana e goyba." Dos onibus de Vasco da Gama - "pode entrar, mo- derna, o dalar tá vazio." Saudade de Tuda e de todos. Saudade gostosa, não melancolista, mas gostosa. Saudade - hein. Sem raiveiros, nem ódios, por quem me obriga a ter saudade. Saudade cari- nho - uma vontade de pisar o chão, de respirar o ar, de beijar o sol, de olhar-me na chuva, de ver vovês, de ouvir vovês.

Saudade de tudo e de todos. Saudade. Sa. Sauda- de gien. Desespero, não. Desespero, nunca.

Saudade até de um homem sóbrio que não co- nheço e que, a esta hora, esteja solitário e triste, numa casa qualquer de uma rua qualquer do Recife. Mas, exatamente porque tenho esta saudade de Tuda, de Tuda e de todos, dos que conheço, dos que não conheço, das ruas, das pedras, dos dias, das noites, dos meses, dos telhados das velhas ca- sas, sou capaz também de ouvir o Clube.

De encantar-me com seus jardins. Com seus  
parques. Com suas flores. De verinar enaamorado  
a Cordilheira, que vejo diariamente de minha  
mesa de jantar, desnuda e cinzenta, com  
alguns de seus picos brancos, permanentemente  
cunha branca, como se fossem deos de giz.  
Sou capaz de amar dea gente simples,  
De dar feliz a este povo a contribuir para  
sustentação de dar a todos os povos. Sou capaz de  
sustentar-me a sua vida, a sua felicidade. De  
não me sentir um estrangeiro aqui.

Por tudo isto, sou feliz com a saudade  
que tenho de tudo e de todos - é uma forma  
de racliar-me a vós - e com a minha vida  
útil a ser no Chile.

Esta, para a deus, é a cidade também  
de Elia e das Marianas. Quanto aos meus,  
deus muito esperar deus, agora, talvez de  
estar, porém, muito bem. Cheios de meus  
chileiros, curiosos de ouvir brasileiro  
falar. Já começam a ensinar frases em  
castelhano. "Hable de espacio, 'yo soy brasileño,'"  
já dizem a seus companheiros chileiros.

Mais do que isto, falam a linguagem uni-  
versal das crianças, se entendem de geral-  
mente forma.

Então, porém, não posso deixar de vir um  
tanto amargurado, quando lut me pergunto  
se demorávamos muito a voltar a Casa Forte.  
Mal sabe de que, talvez, ao voltar um dia a  
Casa Forte, seja Casa Forte a lembrança de um  
nome que lhe tenha marcado a infância.  
Apenas a lembrança gostosa de um nome.

Gostaria que vozes fizessem chegar  
a Amaro Senaenna, a Anita, a Leodinda,  
a Brenand, a Baltar, a Eualdo, a Maria,  
a Ailton, a Marcelo Carnealheira, a M. Santos  
a ex-alunas minhas de cujo nome não  
me recordo, e todos, o meu abraço amigo.  
Com meu desejo de um 65 a seu filho.

Fraternamente e carinhosamente

Teus

Carlos Costumes, 1835, sep. 610

Santiago - Chile.

11

1

65

Querida Marcela,

Geneve, 15/1/79

Espero que tenhas recebido a carta que te fiz dias antes de viajar ao Brasil, em agosto último. Bem podes imaginar o mundo de encoiros criados em nós pelo carimbo com que fomos recibidos em São Paulo, no Rio, em Campos e no Recife. Um mês, na verdade, foi pouco para quinze anos, quase, de ausência. Voltaremos definitivamente em julho próximo e nos fixaremos em São Paulo, onde trabalharei na Universidade Católica de S. Paulo e na Universidade de Campinas - UNICAMP - no nível da pós-graduação. Quem sabe? Talvez um dia te possa trazer a S. Paulo.

Dentro de dois dias estarei viajando para Granada, no Caribe, a convite do gover-

no e pago pela OEA. Arturo, obviamente, é o responsável por tal viagem. Inevitavelmente, me disse ele por telefone, tu não poderias vir ao encontro, por questões de viza. E esta seria uma possibilidade que teria de encontrar-te antes de seres represo ao Brasil...

Afuei, todo bem. Etza contente de voltar e viver perto das uelhas.

Estes meus, dois homens, milhões am-  
bos.

Um abraço para ti e Sergio  
Carinhos nas chicas.

Do teu amigo  
Paulo

Geneve, 26-6-79

Marcela querida,  
distante, mas sem-  
pre lembrada, tua última carta me chegou ontem.  
A saudade cresceu com ela, as lembranças desfila-  
ram uma a uma - nossas conversas, nossas  
dúvidas, nossas inquietações, nossas reflexões  
em torno do concreto, nosso trabalho em  
cooperar. Nosso último encontro em Santiago - um  
jantar em tua casa - amigos comuns: Etnari,  
Hilda, Etnari sempre fotografando. Sérgio feliz,  
risonho, contente. Antes desta carta, em sua  
falas um pouco do Recife - o mundo é mesmo  
pequeno - uma feiraada com Debra e Vasconcelos,  
incrível! - tinha recebido outra, escrita de lá  
ainda. Mas chegou aqui tão tarde que já não  
dava pra te escrever para o endereço do Recife.  
Que alegria eu tive por teu encontro amoroso  
com o Recife. Creio mesmo, como dizes, que a  
partir do Recife, de suas ruas, de seu mar, de  
seu povo, tu me compreendeste melhor e  
a Etra também, tal qual te entendo ao  
amar o Chile.

Escrevi-te três dias antes de se partiu com Etra,  
Joacelin e Tut para os Est. Unidos. Tinha um  
seminário na Universidade de Michigam duran-  
te o mês de julho. Na volta, no primeiro de ago-  
sto - prepara-te agora para a grande notícia, parti-  
remos para o Brasil. Será a nossa primeira  
visita depois de 15 anos. Imagino que tu ima-  
gines o nosso estado de espírito. Nesta primeira  
visita, estudaremos a retorno definitivo,  
Tuco indica, para o próximo ano. Receber-  
emos os passaportes dentro de dois dias.

Tenho outros materiais sobre a educação  
de adultos em São Tomé. Se tiver chance  
algum dia te mandarei. Jostó que tu for-

Tes do que conhecaste.

Bahete me disse que tu pensavas partir  
pela Europa este ano ainda. Viestei com  
a possibilidade de ver-te. Tenho a im-  
pressão, porém, de que é apenas um  
sonho. De uma coisa estou certo: três  
horas de conversa, no verão próximo en-  
contro, não esgotaras o que tenho para  
dizer-te sobre África.

Caminhos para a herança.

Um beijo para ti - um abraço  
para Sergio.

Peele

Queridíssimos Marcelo e Sérgio,

Geneve, 14, 6, 78

Que tempos, meus velhos e queridos amigos, sem vós, sem suví-los e sem vontade grande de escutá-los.

Um silêncio? Nosso silêncio? Este silêncio que me, que vos faz mal, tem resultado apenas das precauções que o exílio me ensinou. Um dia, não sei quando, não sei onde, nos encontraremos de novo. Vai ser um dia de festas.

Primeiro, nos olharemos, nos abraçaremos, falaremos de mil coisas desconexas, mas com sentido. Falaremos da Cordilheira, do pôr do Sol, do ICIRA, do INDAP, do Mapuche, do rio umuss rio que conheço. Riremos juntos, lembrando tantas coisas. Tem de ter pisco neste encontro, tão desmarcado quanto marcado, tão incerto quanto certo. Tem de ter riso de criança, flores de muitas cores, um arco-íris bem bonito e pastariños cantadores. Só depois deste momento necessário falaremos lentamente, mas nunca friamente, do que temos feito, do que estamos fazendo e do que pensamos fazer. No primeiro momento ainda, vocês dirão da alegria de ser mãe, de ser pai, falarão um do outro. De novo de Elza falarli, das filhas, dos filhos, dos netos.

Não sei quando nem onde este encontro se dará. Só sei que se dará.

Esta é uma carta de puro querer bem. Paz falará dos trabalhos que fazemos Elza e eu na África.

Abraços mil!

Parelo